

A IDENTIDADE CULTURAL E A ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DOS MARISQUEIROS NO ANGOLÁ.

Edcassio Avelino*

Catherine Prost**

*Estudante de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal da Bahia.

ed.avelino@hotmail.com

**Dra. em Geografia e Prof.^a Adjunta da Universidade Federal da Bahia.

c.prost@ufba.br

RESUMO: Essa pesquisa utiliza a fotografia para falar sobre a identidade cultural e a organização sócio-econômica da população tradicional envolvida com a mariscagem no Angolá. Por meio dessas questões, operacionalizar a noção de identidade, de territorialidade e de lugar. A metodologia envolveu pesquisa bibliográfica, atividades de campo, realização de oficinas de foto e as contribuições de teóricos como Alfredo Bosi, Paul Claval, Rogério Haesbaert e Edward Relph. A experiência resultou na exposição fotográfica intitulada OLHARES DE DENTRO. As análises permitiram descobrir que a identidade do marisqueiro é construída pela dialética entre o trabalho e o espaço; possibilitou descrever a cadeia produtiva dos mariscos (ostra, sururu, caranguejo e siri); identificar que não existe conflito entre os extrativistas e os atravessadores, bem como, que a Associação de Pescadores e Moradores do Angolá se constitui na principal referência de apoio ao trabalhador, de onde poderá ecoar a superação dos problemas da localidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; população tradicional; Comercialização; Associação.

RESUMEN: Esta investigación utiliza la fotografía para hablar de la identidad cultural y la organización socioeconómica de la población tradicional involucrada con la marisquería en el Angolá. Mediante estas preguntas, poner en práctica la noción de identidad, territorialidad y lugar. La metodología consistió en revisión de literatura, actividades de campo, realización de clases de foto y los aportes de los teóricos Alfredo Bosi, Pablo Claval, Rogério Haesbaert y Edward Relph. La experiencia resultó en la exposición fotográfica llamada OLHARES DE DENTRO. Los análisis permitió descubrir que la identidad de los marisqueros se construye según la dialéctica entre el trabajo y el espacio, ha permitido describir la cadena productiva de los mariscos (ostras, mejillones, cangrejo y cámbaro), identificar que no hay conflicto entre los trabajadores y los intermediários, así como que la Asociación de Pescadores y Habitantes de Angolá constituye la principal referencia de apoyo al trabajador, donde se pueden hacer eco para superar los problemas de la localidad.

PALAVRAS CLAVE: Identidad; población tradicional ; Comercialización; Asociación.

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado é resultado de uma pesquisa iniciada a partir de julho de 2008. Teve o apoio da Universidade Federal da Bahia, por meio do Programa Permanecer e foi realizado no âmbito do Projeto MARENA¹. O estudo pretende (por meio do olhar fotográfico dos marisqueiros) identificar os aspectos que norteiam a formação da identidade cultural da população tradicional envolvida com a mariscagem no Angolá e analisar como estão estruturadas as relações sócio-econômicas em torno da atividade do marisco; e com isso, relacionar essas questões de pesquisa aos conceitos de identidade, de territorialidade e de lugar.

Os motivos que justificam o interesse de pesquisar essa localidade recaem sobre o fato de que, nesse local, as pessoas sobrevivem exclusivamente da coleta de pesca e de marisco artesanal, associado a isso, a população está com a sua fonte de renda ameaçada, pois os recursos e as potencialidades naturais da Resex Marinha Baía do Iguape se tornaram alvo da cobiça de diferentes atores como: o Estado, a iniciativa privada e grupos locais.

Localização da área

A localidade do Angolá possui aproximadamente 500 famílias e está situada na periferia social da cidade de Maragogipe. Esta cidade possui 43.921 habitantes (IBGE 2007) e fica situada na região do Recôncavo Baiano, especificamente, ao Noroeste da Baía de Todos os Santos, Estado da Bahia (figura 1).

¹Manejo Comunitário de Recursos Naturais na Resex Marinha Baía do Iguape. Projeto desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Costeiro, Geografia – UFBA.

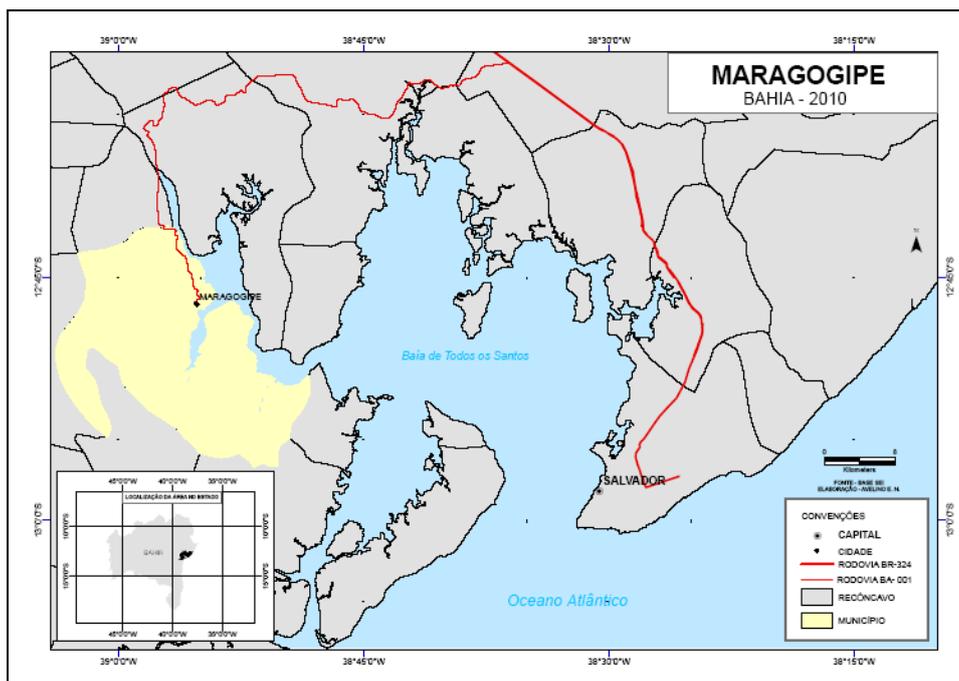


Figura 1: Localização da cidade onde está a área de estudos.
Elaboração: Edcassio N. Avelino.

Metodologia

A leitura de referenciais teóricos foi o ponto de partida dessa pesquisa. Em campo se realizou 13 entrevistas escritas, sendo 3 com lideranças de associações (Ponta de Souza, Ponta do Açougue e Angolá). As outras 10 envolveram comerciantes, pescadores, marisqueiros, donas-de-casa e agricultores da área.

A fotografia foi usada como linguagem para os trabalhadores falarem de si e do cotidiano de seu ofício. As oficinas de foto foram estruturadas com uma carga horária de 20 horas, dividido em duas vertentes: uma conceitual, onde ocorreram reflexões sobre “o que é o olhar?”, sobre o “quem sou eu?”, e sobre “o que é manguezal?”. A vertente técnica foi incumbida dos procedimentos técnicos da fotografia (perspectiva, enquadramento, composição visual e etc.). Os participantes manusearam câmeras digitais compactas; optou-se por esse tipo de equipamento por conta da relação custo benefício.

As oficinas aconteceram integradas ao cotidiano da comunidade, realizadas dentro do manguezal, durante a extração dos mariscos. Focou-se a atividade em subgrupos (marisqueiros, marisqueiras) cada um com cerca de três a cinco participantes.

Os grupos fizeram as fotografias em dois momentos distintos. Primeiro, um grupo de mulheres registrou imagens no manguezal Ponta da Ribeira. Em função da especialidade das trabalhadoras, nesse ambiente, elas extraem ostra e sururú. Três mulheres participaram do processo e fotografaram diversos aspectos da mariscagem, entre os quais se destacam a paisagem (figura 2) e a lavagem dos moluscos (figura 5).



Figura 2: Paisagem do manguezal.
Autor: Participante da oficina.



Figura 3: Lavagem dos moluscos.
Autor: Participante da oficina.

Com os homens, a atividade foi no manguezal Rio do Navio, local onde se extrai caranguejo e siri, em função da especialidade desses trabalhadores. Três rapazes participaram da ação e fotografaram diversas situações da atividade, entre as quais se destacam: o abastecimento das canoas no porto no Angolá (figura 4) e o transporte dos crustáceos (figura 5).



Figura 4: Transporte dos crustáceos.
Autor: Participante da oficina.



Figura 5: Transporte dos crustáceos.
Autor: Participante da oficina.

Nos encontros seguintes, os grupos escolheram as imagens para compor uma exposição fotográfica e em seguida fizeram uma avaliação sobre a experiência.

Na avaliação, os participantes ressaltaram que gostaram da experiência porque aprenderam a tirar fotos. Muitos destacaram que nunca tinha manuseado uma câmera fotográfica e algumas pessoas destacaram que, após a oficina, elas estavam pensando mais no futuro delas e de suas famílias.

Os testemunhos revelam que as descrições das formas de trabalho dos marisqueiros podem provocar uma tomada de consciência, ao estimular a reflexão acerca do ofício. Nesse sentido, a exposição é também tentativa de ampliar a discussão até outras pessoas.

O projeto Diálogos de Saberes e Olhares em Comunidades Pesqueiras foi encerrado com o Varal Fotográfico, intitulado OLHARES DE DENTRO. O evento

reuniu as fotos e os textos produzidos pelos participantes ao longo das oficinas e aconteceu na localidade do Angolá. Foi um momento ímpar de reflexão, de reconhecimento, mas também de muita diversão e poesia.

DO OLHAR AO LUGAR: O FOCO SOBRE A IDENTIDADE DO MARISQUEIRO.

Pensar, sentir e existir são verbos da língua nacional, mas as idéias embutidas nessas palavras são universais, porque trazem dentro de si uma idéia de reflexão, de sentido e de comportamento humano. “Penso, sinto, logo existo”. Esta célebre frase do filósofo Descartes parece ter caído em desuso e ficou fora de moda. Polêmicas a parte, é preciso ressaltar que, aqui, ela serviu como fonte de inspiração e de pensamentos.

A pesquisa traz a tona elementos dessa famosa frase cartesiana, mas de outra forma, partindo das seguintes questões: “o que é o olhar?”, “quem sou eu?” e por fim “o que é o mangue?”. Estas três reflexões foram o ponto de partida para que o marisqueiro falasse do seu olhar sobre si, sobre o outro e sobre o seu mundo.

No processo de sensibilização das oficinas de fotografia, quando as pessoas foram questionadas sobre o que é o olhar, elas falaram: “O olhar é aquilo que a pessoa olha e também o que a pessoa sente” (Solange Santos Nunes), “Olhar é uma forma de enxergar coisas boas ou ruins, que transmite algo sobre a realidade” (Ana Paula Santos Nunes), “Quando você olha, você percebe as dificuldades das coisas, os sentimentos, alegrias, sofrimentos etc. Quando você olha, você transmite algo” (Bruna de Jesus Souza).

Cada participante deu a sua contribuição pessoal, falou sobre o olhar. Percebeu-se que tanto as palavras usadas quanto as organizações das frases eram diferentes, mas no fundo, cada participante trouxe com a fala a mesma idéia. Em todas as respostas, eles associaram a noção de olhar aos sentidos do corpo humano e os sentidos humanos como meio de ligação e aprendizagem entre as pessoas e entre elas e a realidade do meio no qual estão inseridas. A fala do grupo sobre o olhar é interessante e muito próxima da idéia de olhar do filósofo Alfredo Bosi:

O olhar exprime e reconhece forças e estados internos, tanto no próprio sujeito, que deste modo se revela, quanto no outro, com o qual o sujeito entretém uma relação compreensiva. A percepção do outro depende da leitura dos seus fenômenos expressivos dos quais o olhar é a mais preta das significações (BOSI, 2002, p. 77).

A conversa sobre o olhar foi o fio condutor que direcionou as pessoas ao mundo particular de cada uma, cheio de aspectos subjetivos. Esse mundo envolve medos, anseios, coragem, conquistas, derrotas, buscas, descobertas, sonhos, certezas... Quando elas foram questionadas sobre o “quem sou eu?” escreveram:

Tenho orgulho de ser marisqueira, gosto de trabalhar no mangue tirando sururú e gosto de limpar a minha casa. Não vivo sem o marisco por mais de um dia; marisco perto da roça na Capanema. Tenho orgulho de ser guerreira e de sustentar meus filhos (Ana Rita Matos, 37 anos).

Gosto de pescar com canoa, de pegar ostra, de ir para casa após a pesca. Gosto de ser pescador e tenho orgulho, me sinto bem e feliz. Há três anos que pesco. Minha mãe me levou ao mangue como forma de me preparar para a vida. No mangue a gente trabalha para a gente mesmo, é um trabalho digno. (Carlos Augusto Santos Nunes, 19 anos).

Esses depoimentos são uma síntese do que os participantes conseguiram expressar sobre si. Pode-se identificar que as pessoas sabem com muita segurança o que são porque gostam do que fazem. Elas têm prazer e se realizam com a atividade da mariscagem, logo, o que eles são é função do espaço apropriado onde estão e do trabalho que executam. Estes são os elementos que estruturam e catalisam a sua identidade. “O que garante ao indivíduo a autenticidade de suas escolhas é o sentimento que ele tem de estar de acordo com uma tradição que interiorizou, ou com uma fé que ele partilha – as duas não são antinômicas” (CLAVAL, 2002, p. 172).

O comentário do autor leva a pensar a noção de identidade enquanto produto da soma de vivências sociais que as pessoas vão adquirindo a partir do nascimento (família, religião, escola, trabalho, etc.), instituições que, de uma forma ou de outra, por meio de regras, signos, símbolos, padrões e significados, participam de nossas construções identitárias e se desdobram na formação do eu.

Paralelamente, ao processo de formação da identidade individual, se opera também a identidade coletiva, desenhada a partir da soma de afinidade individual e constituída através de elementos da cultura, ideologia, política, economia, religião, tradição e entre outros. De acordo com Claval (2002),

O indivíduo se forma imitando e aprendendo. O aprendizado da cultura começa antes do nascimento, e os primeiros anos são decisivos para a locomoção, a utilização do corpo, os gestos da vida cotidiana e a linguagem. Desde os cinco anos, a criança ajuda sua mãe na cozinha, ou seu pai, se ele é agricultor. A partir do momento em que a criança tem confiança naqueles que a cercam, ela não tem qualquer

razão para recusar o que lhe é proposto. Esse é o momento em que os elementos (...) são escolhidos, ordenados e integrados: a identidade se define e a personalidade vê seus contornos desenhados (CLAVAL, 2002, p.148 e 149).

Os depoimentos dos marisqueiros permitem identificar que a sua identidade é construída a partir da relação entre espaço e trabalho. Entretanto, é necessário dizer que a identidade (individual ou coletiva) encontra sua fonte mais facilmente na consciência de uma unidade cultural do que na identificação direta com um território. Claval (2002) sinaliza mais uma vez que,

As identidades que nascem de uma cultura ou de uma subcultura partilhada não são necessariamente territoriais: muitas vezes elas estão alinhadas sobre a articulação em classes da sociedade. Há momentos em que as diferenças fortemente experimentadas são essencialmente de ordem econômica; em outras ela assumem uma base cultural. Porque somos agricultores, soldados ou operários, porque lidamos com os mesmos problemas, descobrimos que formamos um corpo. A consciência de classe, tão cara para os marxistas, tem uma dimensão cultural que eles esqueceram até Gramsci – e depois dele (CLAVAL, 2002, p. 173 e 174).

Então, para os marisqueiros da comunidade do Angolá, a sua identidade é definida também em função do reconhecimento da importância de seu trabalho, nisso está embutida a consciência de classe. Esse aspecto está cravado no corpo daquelas pessoas, está explícito em alguns atos e implícito nos textos escritos por cada um.

Pode-se interpretar uma consciência de classe nas falas, especialmente a de Ana Rita, acima citada, quando ela se refere ao orgulho de ser marisqueira. Trata-se de uma informação importante tendo em vista o estigma que a profissão sofria e o sentimento de vergonha que muitas mulheres sentiam antes de começarem a se organizar em defesa de seus direitos.

O reconhecimento de seu ofício como profissão se traduz pela inclusão das mulheres nas colônias de pesca, entidades de classe através das quais os trabalhadores da pesca recebem seus direitos trabalhistas. O trabalho das associações de base e movimentos sociais na pesca (tal como o Conselho Pastoral dos Pescadores) constitui mais um passo na afirmação da identidade das mulheres pescadora como motivo de orgulho.

É preciso reiterar que, no caso dos pescadores e marisqueiros -como é o exemplo do Angolá- enquanto população tradicional e, portanto, vivendo em estreita dependência dos recursos naturais, o ambiente orienta sim, a identidade cultural desse grupo social. Nesse contexto, se percebe que o “território identitário não é apenas ritual

e simbólico; é também o local de práticas ativas a atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p.169).

De acordo com Tuan (1983, p.151) “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significados”, requisitos que dependem do tempo de vivências. Assim, para as pessoas da oficina, o manguezal extrapola a idéia de localização geográfica e os trabalhadores da pesca e de mariscos projetam uma série de definições ao manguezal. Esse local adquire o que os geógrafos denominam de territorialidade, definida por Haesbaert como:

O conceito utilizado para enfatizar as questões de ordem simbólico-cultural. Territorialidade, além da acepção genérica ou sentido lato, onde é vista como a simples “qualidade de ser do território”, é muitas vezes concebida em um sentido estrito como a dimensão simbólica do território (HAESBAERT, 1996, p. 15).

Relativo ao manguezal se destaca algumas dimensões. A primeira que podemos ressaltar reflete uma dimensão muito concreta na vida dos pescadores/marisqueiros, parte da noção do manguezal como local de fonte de renda, uma vez que, para cada um dos participantes, o ambiente é, na essência, local de extração de recursos como destaca uma participante:

O mangue é como uma empresa porque eu tiro o sustento de minha família. Do mangue eu como, vendo, pago conta, compro roupa... Faço o que posso com que o mangue me dá. A diferença é que a gente entra e sai do mangue sem bater cartão... O mangue não tem dono, eu peço licença a Deus e entro. (Rita de Jesus Santos, 50 anos).

Além dessa, destaca-se também a dimensão simbólica, a territorialidade apresenta aspectos mítico-religioso (as marisqueiras não dizem palavrão, se benzem antes de entrar, respeitam os mitos existentes); de lazer-diversão (contam situações do cotidiano, histórias divertidas) e por fim, aspectos informativos (partilham informações sobre questões de saúde da mulher, de prevenção de DSTs, dengue, etc.).

A fala de uma das participantes da oficina é bem significativa no que diz respeito ao manguezal. “Eu gosto do que sou, sou marisqueira mesmo, de coração, sinto saudade do mangue quando não vou. Ele é meu trabalho, é diversão, é minha religião, ele é minha vida” (Antônia Santos Silva, 38 anos).

As pessoas falam sobre o manguezal, imprimindo uma carga de definições e significados atribuídos por relações específicas construídas ao longo do tempo. Sendo assim, pode-se afirmar que ele é um lugar, já que “O lugar se refere ao tipo de

envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e segurança” (RELPH, 1979, p.17).

Assim, o trabalho de campo, através das oficinas, foi muito profícuo porque revelou a riqueza dos olhares dos marisqueiros sobre seu meio de vida. Além disso, permitiu descobrir que o espaço geográfico é importante no processo de formação identitária da população naquela localidade.

A ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA EM TORNO DA MARISCAGEM.

As oficinas de fotografia permitiram ter acesso aos bastidores do universo da atividade de extração dos crustáceos e moluscos. Então, nessa parte da pesquisa, serão analisados os meandros da mariscagem. Eles envolvem a organização da cadeia produtiva da ostra, do sururú, do caranguejo e do siri; as relações entre extrativista (trabalhador) e comerciante (atravessador) no contexto de escoamento da produção; os impactos ambientais causados pela atuação de diferentes atores sociais na área, bem como, a forma de organização dos trabalhadores da pesca e do marisco.

A temporalidade e a espacialidade da localidade apresentam-se estruturadas sobre bases diferentes da lógica de funcionamento da vida urbana. Enquanto o meio urbano se caracteriza pelo período técnico-científico-informacional (SANTOS, 2005, p. 148), onde o homem é colocado como contraponto da natureza, no Angolá acontece o inverso. Lá prevalece a dinâmica ambiental sobre o cotidiano da população; a lógica que estrutura as bases de funcionamento perpassa pela dialética existente entre as pessoas e os ritmos da natureza, manifestada nas práticas extrativistas que justificaram a existência da Resex Marinha Baía do Iguape.

A cadeia da atividade de extração dos moluscos (sururu e ostra) e crustáceos (siri, caranguejo) começa com a captura e segue com a contagem das espécies, a lavagem, o transporte e a descarga no porto. Na residência do marisqueiro, ocorre a separação entre espécies de consumo e comercialização, seguida da limpeza das espécies para a venda.

Para o siri, precisa cozinhá-lo para retirar a parte comestível da carapaça. O catado do siri é arrumado em um pacote para ser congelado. Os moluscos são empacotados e congelados. Quanto ao caranguejo, ele é preso num barbante que o pessoal chama de corda, em quantidades múltiplas de seis, pois é vendido vivo. Em

ambos os casos, esses crustáceos e moluscos são entregues a um comerciante (atravessador) que os distribui entre restaurantes, bares, feiras, consumidores locais e demais cidades.

Entre os marisqueiros envolvidos nessa pesquisa, não houve trabalhador que vendesse diretamente os seus mariscos. Os relatos dos marisqueiros traduzem que o atravessador aparece como um canal seguro de escoamento da pescaria, embora os preços de venda sejam modestos para os marisqueiros.

É necessário observar duas razões objetivas que incentivam os trabalhadores da pesca a passar por intermediários na comercialização. Em primeiro lugar, a atividade no manguezal é muito desgastante do ponto de vista físico e psicológico, com cerca de oito horas por dias. Os entrevistados alegam que não têm disposição para encarar mais uma jornada (a da comercialização). Em segundo lugar, os marisqueiros não têm meios de conservar o produto da mariscagem (freezer) e dependem, portanto, de um escoamento rápido.

Apesar do caráter prático da troca comercial, na convivência entre o marisqueiro e o atravessador, a exploração do trabalhador da mariscagem não é uma novidade. Mas é preciso destacar uma singularidade da localidade em estudo, o diferencial na observação feita, entre os entrevistados do Angolá é que a convivência entre esses dois personagens não é conflituosa e nem tensa, como ocorre com essa e outras atividades em muitas localidades da Bahia e do Brasil, que se caracterizam por relações agressivas que envolvem perseguição e humilhação do pequeno trabalhador.

Os marisqueiros encontrados nas oficinas afirmam não terem relações tensas com os atravessadores. As relações podem até chegar a ser relativamente mais próximas, sobretudo com atravessador da própria comunidade. Os extrativistas argumentaram ainda que diante da grande variação da quantidade de mariscos capturados por dia, mesmo extraindo menos, eles recebem um valor fixo em dinheiro, o que é vantajoso em termos de segurança no sustento familiar.

Outro aspecto ligado aos bastidores da mariscagem, diz respeito ao fato de que as pessoas que trabalham com a pesca/marisco artesanal vêm identificando diminuição na captura de espécies nas últimas décadas. Para explicar essa redução é preciso se referir a Central Hidrelétrica Pedra do Cavalo, em funcionamento desde 2004. Ela

determina variações irregulares e freqüentes na vazão da água liberada, o que causa a fuga temporária de certos mariscos e a morte de outros.

Vale destacar também, as atividades econômicas realizadas por outros agentes sociais no entorno da Baía do Iguape, como o turismo predatório, em que as pessoas descartam lixo ao longo da baía; o soterramento de área de manguezal para construção de residência de luxo e lançamento de produtos químicos (em pequenas quantidades cotidianamente) por empresas terceirizadas ligadas aos grandes grupos que exploram o petróleo existente no entorno da área.

Além disso, o aumento da população extrativista na Baía do Iguape encadeia um aumento no esforço de pesca/marisco. Contudo, vale contextualizar essa aparente pressão humana dos extrativistas, lembrando que a redução das alternativas de sustento, autônomas ou com vínculo diante de um quadro econômico de declínio e de concentração fundiária (PROST, 2007). Esses impactos vêm gerando redução na diversidade e na quantidade dos mariscos, os extrativistas envolvidos nessa pesquisa, já identificam a escassez de espécies em algumas áreas da localidade, com isso, a busca por crustáceos e moluscos se faz em áreas cada vez mais distantes da comunidade e até mais afastadas da própria resex marinha.

Na busca de solução dos problemas vividos pela população, no Angolá, os marisqueiros contam com a Associação dos Pescadores e Moradores do Angolá. A instituição foi criada em 2002 por uma liderança de Salvador. Envolve, além do Angolá, os moradores dos bairros vizinhos chamados de Ribeira e de Capagato. Possui atualmente 200 sócios. Cobra uma mensalidade voluntária de R\$ 2,00, contudo, a meta é não cobrar nada quando estiver com a situação financeira segura. Segundo a presidente, desde janeiro de 2009, a associação é dirigida por uma coordenação.

A associação apresenta dois focos de atuação: o bairro e o setor da pesca. No que diz respeito ao bairro, ela tem por objetivo melhorar o bairro no aspecto físico (implantação de infra-estrutura e de equipamentos de uso coletivo) e social. Já coleciona algumas conquistas como, por exemplo, o calçamento de ruas, a implantação de esgoto e a realização de cursos profissionalizantes para jovens (trançado e elaboração de instrumentos de percussão).

No aspecto da pesca, a associação faz parte da rede Movimento da Pesca com outras associações de quilombolas e de pescadores. Já elaborou projeto junto com a

assessoria do Conselho Pastoral dos Pescadores – CPP. Com esse projeto aprovado, a comunidade do Angolá conseguiu cinco canoas, dois freezers, uma geladeira, um defumador, quatro balanças, uma televisão, um leitor de DVD e material para realização de oficinas educativas.

Apesar dessas conquistas, a associação ainda está muito aquém do que deveria ser. Ela ainda funciona de forma muito tímida enquanto associação. A principal fragilidade é a fraca participação dos pescadores e marisqueiros em torno de questões que dizem respeito aos seus interesses, individuais e coletivos.

No imaginário de grande parte da população local, ainda predomina a esperança de aparecer uma pessoa (externa à localidade) para solucionar os problemas da comunidade. Essa questão é o principal obstáculo que a Associação enfrenta e que vem impedindo mais vitórias dos pescadores e marisqueiros na defesa de seus interesses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade da mariscagem envolve múltiplas dimensões, ou seja, existe um casamento entre a dimensão técnica com o mágico, com o ritual e o simbólico. Sendo assim, a mariscagem caracteriza-se como elemento de mediação entre a vida econômica e a social. A atividade em si funciona como momento de socialização e encontros entre as pessoas, favorecendo trocas não necessariamente econômicas. As oficinas de fotografia proporcionaram momentos de análise das relações entre marisqueiros e natureza, em que a territorialidade na sua dimensão simbólica apareceu claramente através do olhar fotográfico dos participantes. O acompanhamento das diversas etapas das práticas sociais dos mesmos e a discussão sobre os problemas vividos no seu cotidiano permite identificar os esforços realizados no sentido de buscar soluções, mas também os desafios que ainda permanecem. A força do pescador/marisqueiro reside exatamente nos espaços de articulação coletiva; uma instituição como a Associação serve como lócus de mediação de negociações com diferentes setores públicos e privados. Deve constituir-se como espaço de participação, elaboração e acompanhamento de políticas ligadas à pesca, à Resex Marinha e ao meio ambiente. Assim sendo, é preciso acreditar que a Associação pode ainda vir a constituir-se, por meio da participação comunitária, como instância de representação da classe de

trabalhadores e também população tradicional da pesca/mariscagem, lugar de riqueza e sinal de poder no Angolá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 65-87.
- CASTRO, Edna. Biodiversidade, território e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, Edna; PINTON, Florence (Orgs.). **Faces do trópico úmido, conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup-UFPA-NAEA, 1997, p.165-182.
- CLAVAL, Paul. Campo e perspectivas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p.133-187.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Paisagem, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. 179 p.
- DIEGUES, Antônio Carlos. As populações tradicionais: conceitos e ambigüidades. In: DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: HUCITEC, 2000, p.75-91.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.
- LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2001. 343 p.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PROST, Catherine. Ecodesenvolvimento da pesca artesanal em região costeira – estudos de caso no Norte e Nordeste do Brasil. **Revista Geotexto**, Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, v. 3, n. 1 e 2, p. 139-169, 2007.
- RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n.7, p. 1-25, jun.1979.
- SANTOS, Milton. Globalização e meio técnico - científico. In: Santos, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EdUSP, 2005, p. 93-116.
- SCHAEFFER-NOVELLI, Yara. **Manguezal**, ecossistema entre a terra e o mar. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.